

INSTITUTO VALE DO CRICARÉ
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
EDUCAÇÃO FÍSICA

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS DUARTE
JOSE EVANGELISTA SILVA CONCEICAO

**A RELEVANCIA DO “BRINCAR” PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO
MATEUS - ES**

SÃO MATEUS
2016

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS DUARTE

JOSE EVANGELISTA SILVA CONCEICAO

**A RELEVANCIA DO “BRINCAR” PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO
MATEUS - ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Professor Orientador: Me. Marcus Vinnycius de Jesus

SÃO MATEUS

2016

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS DUARTE

JOSE EVANGELISTA SILVA CONCEICAO

**A RELEVANCIA DO “BRINCAR” PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO
MATEUS - ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré como requisito para obtenção do título Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em ____ de _____ de
2016.

BANCA EXAMINADORA

**PROFESSOR Me. MARCUS VINNYCIUS
DE JESUS**

FACULDADE VALE DO CRICARÉ

FACULDADE VALE DO CRICARÉ

PROFESSOR AVALIADOR

PROFESSOR AVALIADOR

FACULDADE VALE DO CRICARÉ

DEDICATÓRIA

A Deus pela oportunidade que me proporcionou, dando-me vida e coragem para perseverar.

Aos meus familiares e amigos por todo apoio, amor e paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me confiar o trabalho de educar, ao meu orientador pela dedicação, apoio e compreensão nas horas de dúvidas, aos meus familiares e amigos por acreditarem no meu potencial.

EPÍGRAFE

"O brincar é o aqui e o agora, é quando você está sendo você na sua essência. O brincar tem esse canal de sentir quem é você no mundo, com o outro, na sua própria construção de ser." (Renata Meirelles, 2015)

RESUMO

O brincar é uma das principais ferramentas para deficientes intelectuais usada para proporcionar desenvolvimentos cognitivos, motor, emocional, social. Através da brincadeira observam-se as atitudes da criança e o que ela compreende do mundo ao seu redor. Diante de pesquisa em escola nas suas aulas de educação física, que fato tenha adquirido resultados positivos para indagar crianças com deficiências intelectuais no trabalho com perguntas educativas? Baseado em nosso problema, espera-se alcançar os seguintes objetivos, levantar as principais contribuições que o brincar proporciona a criança com deficiência intelectual, assim como, identificar através de entrevista com perguntas fechadas a importância que o professor de educação física dá ao *brincar* em suas aulas; levantar estratégias usadas para aplicação de brincadeiras de forma que proporcione prazer, bem-estar e desenvolva a motricidade, o cognitivo, e o afetivo-social da criança com deficiência intelectual; desenvolver contribuições relevantes quanto a importância do brincar para crianças com deficiência intelectual. A partir dos objetivos abordados, justifica-se que esta pesquisa é extremamente importante ao conhecimento do professor de educação física e a sociedade de forma geral. Ao professor a pesquisa traz contribuições relevantes que o auxiliarão na hora de elaborar seus planos de aula, não apenas na elaboração e execução de atividades, mas no cuidado que o professor precisa ter ao realizar suas aulas, não que o deficiente seja diferente dos demais, afinal possui os mesmos direitos, mas o cuidado em torná-los inclusos e participantes das aulas de educação física. E quanto à sociedade, esta pesquisa traz informações de que a criança com deficiência intelectual pode ter uma vida como qualquer outra e pode se tornar um adulto autônomo e crítico. A partir daí, precisa reconhecer que a mesma possui responsabilidades no crescimento e desenvolvimento da criança com deficiência intelectual, ou seja, precisa aceitá-la do jeito que é com suas limitações, dificuldades e como cidadão. A pesquisa se enquadra na área de conhecimento a Ciências da Saúde. Quanto à finalidade, se caracteriza como pesquisa aplicada, pois está voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica. Abordagem da pesquisa foi exploratória segundo seus objetivos, pois possui propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema. A coleta de dados ocorreu através de levantamento bibliográfico e entrevista com pessoas no

caso professores de educação física da rede municipal de ensino que possuem experiência prática em aulas de educação física com crianças com deficiência intelectual. O método empregado é o qualitativo, caracterizando qualificação dos dados coletados durante a análise do problema. Portanto, os resultados obtidos na entrevista e acompanhamento dos planos de aula aplicados nas aulas de educação física foram satisfatórios. Pode ser observado que ainda com dificuldades na estrutura física e muitas vezes pedagógica da escola, há professores da educação física que decidiram romper barreiras e paradigmas para oferecer ao seu aluno uma aula de qualidade e que vai gerar a curto ou longo prazo desenvolvimento e amadurecimento.

Palavras chave: Brincar, deficiência intelectual, desenvolvimento.

ABSTRACT

Thus, play is one of the main tools for the intellectual disabled used to provide cognitive, motor, emotional, and social developments. Through play the child's attitudes and what he understands of the world around him are observed.

Faced with school research in their physical education classes, what fact has gained positive results in order to investigate children with intellectual disabilities work with educational questions? Based on our problem, it is expected to achieve the following objectives, to raise the main contributions that the play provides the child with intellectual disability, as well as, to identify through interview with closed questions the importance that the physical education teacher gives when playing in his classrooms; To raise strategies used for the application of games in a way that provides pleasure, well-being and develops the motor, cognitive, and affective-social of the child with intellectual disability; Develop relevant contributions on the importance of playing for children with intellectual disabilities. From the objectives addressed, it is justified that this research is extremely important to the knowledge of physical education teacher and society in general. To the professor the research brings relevant contributions that will help him in the elaboration of his lesson plans, not only in the elaboration and execution of activities, but in the care that the teacher must have when carrying out his classes, not that the deficient one is different from the others, After all has the same rights, but the care in making them included and participating in physical education classes. And as for society, this research provides information that the child with intellectual disability can have a life like any other and can become an autonomous and critical adult. From there, it must recognize that it has responsibilities in the growth and development of the child with intellectual disability, that is, it must accept it as it is with its limitations, difficulties and as a citizen. The research falls within the area of knowledge of Health Sciences. Regarding the purpose, it is characterized as applied research, since it is focused on the acquisition of knowledge with a view to application in a specific situation. The research approach was exploratory according to its objectives, since it has the purpose of providing greater familiarity with the problem. Data collection was done through a bibliographical survey and interview with people in the case of physical

education teachers of the municipal education network who have practical experience in physical education classes with children with intellectual disabilities. The method used is qualitative, characterizing the qualification of the data collected during the analysis of the problem. Therefore, the results obtained in the interview and follow-up of the lesson plans applied in the physical education classes were satisfactory. It can be observed that still with difficulties in the physical and often pedagogical structure of the school, there are physical education teachers who have decided to break down barriers and paradigms to offer to their student a quality class and that will generate in the short or long term development and maturation.

Key words: Playing, intellectual disability, development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	15
2.2 DOCUMENTOS QUE REGULAMENTAL A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL	17
2.3 EDUCAÇÃO LÚDICA.....	19
2.4 O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO E FORMAÇÃO DA CRIANÇA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	21
2.5 JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS	2924
2.6 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O BRINCAR	Erro! Indicador não definido. 26
3. METODOLOGIA	29
3.1 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS.....	29
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	30
4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	Erro! Indicador não definido. 32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido. 35
REFERÊNCIAS	377
APÊNDICE A - FOTOS.....	40
APÊNDICE B - ENTREVISTA	43
APÊNDICE C - PLANOS DE AULA.....	45

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa abordou os benefícios no desenvolvimento da criança com deficiência intelectual da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Arnóbio Alves de Holanda produzidos pelo brincar. Buscou através dos aportes teóricos na literatura especializada e desenvolvendo pesquisa de campo, expor com a pesquisa que de acordo com Renata Meirelles (2015) “o brincar é o aqui e o agora, é quando você está sendo você na sua essência. O brincar tem esse canal de sentir quem é você no mundo, com o outro, na sua própria construção de ser”.

Vários pesquisadores ao longo da história expuseram seus pensamentos sobre o lúdico, entre eles, Platão que defendia a ideia de que os primeiros anos de vida de uma criança deveriam ser ocupados com jogos e brincadeiras em jardim de infância.

Para uma criança sem qualquer tipo de deficiência existe a preocupação com o brincar, ainda mais com crianças deficientes intelectuais que exige maior atenção ao seu desenvolvimento, pois qualquer avanço é um grande progresso e o brincar para esse grupo torna-se fundamental, além disso, é um dos principais meios e ferramentas usadas para interação, socialização, comunicação entre criança e o mundo que a cerca. Entretanto, não é brincar por brincar, brincar sem objetivo, é o brincar intencionado, direcionado.

Nesse sentido, Kishimoto (2002, p. 20) afirma que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social”. Do mesmo modo, o brincar é uma necessidade humana e não apenas uma diversão, visto que ele se manifesta em qualquer idade, assim a ludicidade facilita a aprendizagem da criança, pois ela infere em todas as áreas, cooperando para desenvolvimento cognitivo, motor e social através da comunicação, expressão e construindo saberes. Neste contexto, para a autora a presença da brincadeira se faz necessária em todas as fases da vida do ser humano, mas é na infância que ela provoca um desenvolvimento efetivo, aspecto esse, que se torna base para a construção do desenvolvimento humano, social e cultural (Kishimoto, 1994).

Diante de pesquisa em escola nas suas aulas de educação física, qual relevância professores tem dado ao brincar para gerar resultados no desenvolvimento da criança com deficiência intelectual?

Baseado em nosso problema, espera-se alcançar os seguintes objetivos, levantar as principais contribuições que o brincar proporciona a criança com deficiência intelectual, assim como:

- a) Identificar através de entrevista com perguntas fechadas a importância que o professor de educação física dá ao *brincar* em suas aulas;
- b) Quais estratégias são usadas para aplicação de brincadeiras de forma que proporcione prazer, bem-estar e desenvolva a motricidade, o cognitivo, e o afetivo-social da criança com deficiência intelectual;
- c) Desenvolver contribuições quanto a importância do brincar para crianças com deficiência intelectual.

A partir dos objetivos abordados, justifica-se que esta pesquisa é extremamente importante ao conhecimento do professor de educação física e a sociedade de forma geral. Ao professor a pesquisa trás contribuições relevantes que o auxiliarão na hora de elaborar seus planos de aula, não apenas na elaboração e execução de atividades, mas no cuidado que o professor precisa ter ao realizar suas aulas, não que o deficiente seja diferente dos demais, afinal possui os mesmos direitos, mas o cuidado em torná-los inclusos e participantes das aulas de educação física. E quanto à sociedade, esta pesquisa traz informações de que a criança com deficiência intelectual pode ter uma vida como qualquer outra e pode se tornar um adulto autônomo e crítico. A partir daí, precisa reconhecer que a mesma possui responsabilidades no crescimento e desenvolvimento da criança com deficiência intelectual, ou seja, precisa aceitá-la do jeito que é com suas limitações, dificuldades e como cidadão.

A pesquisa se enquadra na área de conhecimento a Ciências Humanas. Quanto à finalidade, se caracteriza como pesquisa aplicada, pois está voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica. Abordagem da pesquisa foi exploratória segundo seus objetivos, pois possui propósito de

proporcionar maior familiaridade com o problema. A coleta de dados ocorreu através de levantamento bibliográfico e entrevista com professores de educação física da rede municipal de ensino que possuem experiência prática em aulas de educação física com crianças com deficiência intelectual. O método empregado é o qualitativo, caracterizando qualificação dos dados coletados durante a análise do problema.

Este estudo foi realizado em cinco capítulos. No primeiro instante desse trabalho de pesquisa, apresentou-se o tema e a sua relevância, como também o problema a justificativa da pesquisa e os objetivos. No segundo capítulo, realizou-se uma revisão bibliográfica contendo os seguintes temas e conceitos: Educação Inclusiva; Regulamentação da educação especial no Brasil; a Educação Lúdica; A importância do brincar no desenvolvimento e formação da criança portadora de deficiência cognitiva; O Professor de Educação Física e o brincar. O terceiro capítulo trata-se da metodologia, enquanto o quarto capítulo faz breve exposição da análise e discussão dos dados, bem como atividades desenvolvidas e entrevista com professores de educação física da rede municipal de ensino e apresentação dos resultados obtidos. Por fim, no quinto capítulo, apresentação das considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLAR

A inclusão é uma evolução de integração, ou seja, na inclusão propõe adaptação do ambiente a criança com deficiência, além dos procedimentos educativos com o propósito de atendê-los.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica e Lei de Diretrizes e Base da Educação Especial (LDB - Lei nº 9.394/96) fundamenta a prática da inclusão no âmbito escolar, no qual, determina que todas as crianças devem aprender juntas, independente de suas diferenças ou dificuldades.

A inclusão ocorre a partir da adaptação e adequação do meio à criança e não o contrário. De acordo com Locatelli (2009) existem princípios, componentes e práticas inclusivas da escola e sociedade que deve ser respeitada e cumprida. Os princípios são: aceitação das diferenças com naturalidade; valorização da diversidade humana; respeito mútuo; direito de permanecer; crença na viabilidade de todos aprenderem juntos; aprendizado cooperativo; crença no papel inclusivo de toda a comunidade escolar; importância dos pais como parceiros educativos; colaboração entre os professores.

Enquanto os componentes da educação inclusiva são: frequência de classe comum com colegas não deficientes da mesma faixa etária; preparação do professor para ensinar a todas sem discriminação; currículo adaptado; métodos diversificados. Já as práticas inclusivas e abrangentes na escola são os seguintes: envolvimento dos pais; liderança visionária; colaboração; aceitação incondicional; uso revisado da avaliação progressiva; suportes para a inclusão (condições estruturais e técnicas); suporte para os professores (consultoria, supervisão, parcerias, horários flexíveis para planejamento).

A inclusão ou exclusão do aluno inicia na sala de aula e a responsabilidade de incluir não é responsabilidade apenas da escola (que matriculou o estudante), mas

também do Estado, representado por governos e secretarias de educação. Mittler (2003) reforça que por mais comprometido que seja o governo, são as experiências vividas no dia a dia que define a qualidade de sua participação e a gama total de experiências de aprendizagem ofertadas pela escola.

Na realidade, muitos professores e gestão escolar confundem o significado de inclusão com integração, ou seja, a escola precisa compreender que é direito do aluno com deficiência intelectual ser incluso em todos os aspectos e não apenas estar dentro da sala de aula sem participação efetiva, assim como, a garantia de uma educação de qualidade. Dessa forma, a escola precisa se ajustar as necessidades do aluno e não o aluno se adequar a escola, além de buscar estratégias e meios para facilitar e aprimorar a aprendizagem, tornar o ambiente agradável e acessível, auxiliar na interação e socialização com demais colegas e toda equipe pedagógica, manter a família do aluno próxima e participativa.

Dessa forma, torna-se necessário esclarecer que inclusão se refere a uma definição ampliada, no qual indica uma inserção total e incondicional. Enquanto Integração, por sua vez, dá a ideia de inserção parcial e condicionada às possibilidades de cada pessoa, já que o pressuposto básico é de que a dificuldade está na criança deficiente e que pode ser incorporada no ensino regular sempre que suas características a permitir.

A inclusão perpassa o acesso à escola regular que apresentam algum tipo de necessidade educativa especial e está intimamente ligada à qualidade de ensino, à qualidade do espaço físico da escola, à valorização do magistério, à formação continuada de professores, à capacitação de técnicos e gestores escolares, à valorização do ser humano como cidadão, que possui direitos e deveres num Estado democrático. Sabemos que para todo trabalho educacional, é imprescindível a formação adequada dos profissionais para assim obter, junto com outras ações, êxito quanto à qualidade do trabalho desenvolvido (VELTRONE; MENDES, 2007). Em se tratando da demanda para atender as pessoas com necessidades educativas especiais, neste caso, crianças com deficiência intelectual, é relevante considerar que esta formação é hoje um dos gargalos para a efetiva inclusão educacional.

Para tal efetivação, subtede-se repensar os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento humano, refletindo sobre a constituição social e cultural do mesmo, que ocorre através da interação e mediação com o outro, através dos signos e ambientes culturais, portanto tornando-o único.

2.2 DOCUMENTOS QUE REGULAMENTAM A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

A Política Nacional de Educação Especial foi elaborada no mesmo ano em que o Brasil assinou a Declaração de Salamanca, no qual comprometeu-se a ofertar educação para todos independente das condições dos alunos. De acordo com o MEC (Ministério da Educação) a Declaração de Salamanca consiste no documento das Nações Unidas no qual denomina-se Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para pessoas com deficiências, determinando que a educação de pessoas com deficiência seja parte integrante do sistema educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Especial (LDB – Lei n. 9.394/96) estabelece rumos e fundamentos da educação brasileira, e indica como manter o atendimento da educação especial num único sistema de ensino, entretanto, com possibilidades de atendimentos em escolas especiais no qual possuem adaptações significativas que uma escola comum não possui.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica de 03/07/2001 – aprovada pelo Parecer n. 17/2001 recomenda e dá orientações aos sistemas de ensino de como deve proceder ao atendimento aos alunos portadores de necessidades educativas especiais (PNEE) na rede regular de ensino. Dentre eles estão: Implantar a educação especial em todas as etapas da educação básica; Prover a rede pública dos meios necessários e suficientes para essa modalidade; Estabelecer políticas efetivas e adequadas à implantação da educação especial; Orientar acerca de flexibilizações/adaptações dos currículos escolares; Orientar acerca da avaliação pedagógica e do fluxo escolar de alunos com necessidades

educacionais especiais; Estabelecer ações conjuntas com as instituições de educação superior para a formação adequada de professores; Prever condições para o atendimento extraordinário em classes especiais ou em escolas especiais; Fazer cumprir o Decreto Federal nº 2.208/97, no tocante à educação profissional de alunos com necessidades educacionais especiais [posteriormente, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CEB no. 16/99 e a Resolução CNECEB no. 4/99]; Estabelecer normas para o atendimento aos superdotados; Atentar para a observância de todas as normas de educação especial.

A Presidência da República, casa civil, faz saber e sanciona as seguintes leis. A lei n. 10.172/2001 de 09/01/2001 aprova o Plano Nacional de Educação e encaminha outras providências, como o PNEE, que estabelece 27 objetivos e metas para a educação de portadores de necessidades educacionais especiais. A legislação, no entanto, é sábia em determinar preferência para essa modalidade de atendimento educacional, ressaltando os casos de excepcionalidade em que as necessidades do educando exigem outras formas de atendimento. Faz indicação de três situações possíveis para a organização do atendimento: participação nas classes comuns, de recursos, sala especial e escola especial. Todas as possibilidades têm por objetivo a oferta de educação de qualidade.

A Casa Civil também determina o DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011 que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, tais como:

- I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;
- II - aprendizado ao longo de toda a vida;
- III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;
- IV - garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;
- V - oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;
- VI - adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;
- VII - oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino; e
- VIII - apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial. (BRASIL, DECRETO Nº 7.611, 2011)

O presidente da República também determina sob a Lei nº 7853/89 que torna-se obrigatória oferta gratuita da Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino, considerando crime a recusa de alunos com deficiência em estabelecimentos de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado. (BRASIL, LEI Nº 7853/89, 1989)

O mais recente documento que direciona o trabalho nessa área específica é a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (MEC, 2008). Configura-se como uma ação política, cultural, social e pedagógica em defesa de uma educação qualificada para todos e um sistema organizado de inclusão. O documento possui objetivo de promover Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior; Atendimento educacional especializado; Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino; Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar; Participação da família e da comunidade; Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

2.3 EDUCAÇÃO LÚDICA

Para uma criança o brincar é uma das suas atividades prediletas, seja ela como for à criança tem sempre algo para expressar, se não tem o objeto específico, ela brinca no imaginário ou se apropria de um objeto semelhante, mas ela sempre explorará seus anseios e o que entende do mundo adulto. Friedmann (1996) defende o objeto ou o brinquedo como um “veículo da inteligência e da atividade lúdica”.

O brincar revela o espontâneo e o cotidiano de vida da criança, várias experiências são vivenciadas neste processo de brincar, dando significado e criando novas formas de brincadeiras.

Fazendo uma análise ao autor Marcellino (1999, p.13) quanto a sua posição do lúdico, observa-se que “o lúdico não está preso a um tempo definido”, mas se manifesta quando não possuímos obrigações para cumprir. As crianças são deparadas com obrigações escolares e na família, e só podem muitas vezes brincar após a execução das obrigações, mas para a criança muitas vezes até essas horas de se realizarem as tarefas podem ser momentos para brincar, mas são repreendidas quando manifestam qualquer expressão de brincadeira.

O pesquisador Marcellino (1999) ainda faz referência ao prazer, o aponta como uma das características fundamentais para o lúdico, pois ele tem uma finalidade em si, que é a vivência prazerosa na hora de brincar, ou seja, a espontaneidade. Outras características também apontadas é que “o lúdico pertence à dimensão do sonho, da magia, da sensibilidade”, e que “o lúdico se baseia na atualidade” e é privilegiado de criatividade, por estar ligado ao prazer. Marcellino (1999, p.23) ainda afirma que:

Reconhecer o lúdico é reconhecer a especificidade da infância: permitir que as crianças sejam crianças e vivam como crianças; é ocupar-se do presente, porque o futuro dele decorre; é esquecer o discurso que fala da criança e ouvir as crianças falarem por si mesmas; É redescobrir a linguagem dos nossos desejos e conferir-lhe o mesmo lugar que tem a linguagem da razão; é redescobrir a corporeidade ao invés de dicotomizar o homem em corpo e alma; é abrir portas e janelas e deixar que a inclinação vital penetre na escola, espante a poeira, apague as regras escritas na lousa e acorde as crianças desse sono letárgico no qual por tanto tempo deixaram de sonhar.

Recusar a existência do lúdico, ou negar que uma criança se expresse é impedir que elas vençam desafios. Para uma criança não é prazeroso criar sem brincar, sem experimentar e sem vivência, assim, o lúdico precisa ser natural e espontâneo de forma a contribuir em seu desenvolvimento, dessa forma, o lúdico não deve ser visto como algo irrelevante, sem importância.

Para Kishimoto (1994) o lúdico não é apenas uma diversão, mas uma necessidade humana, visto que se manifesta em qualquer idade, assim, facilita aprendizagem da criança, pois, infere em todas as áreas cooperando ao desenvolvimento cognitivo, motor e social através da comunicação, expressão e construindo saberes. Neste contexto, à autora a presença do lúdico, do brincar se faz necessária em todas as etapas e fases da vida do ser humano, porém, é na infância que provoca maior

desenvolvimento efetivo, aspecto esse que se torna base à construção do desenvolvimento humano, social e cultural.

2.4 O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO E NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Para melhor esclarecimento da importância do brincar para este público alvo, é necessário esclarecer o que é deficiência intelectual. Sendo assim, “Deficiência intelectual ou atraso cognitivo é um termo que se usa quando uma pessoa apresenta certas limitações no seu funcionamento mental e no desempenho de tarefas como as de comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social” (ALMEIDA, 2011).

A consultora em Educação Inclusiva, Psicóloga e Pedagoga especialista (ALMEIDA, 2011) realiza levantamento de algumas questões interessantes e importantes sobre a deficiência intelectual. Ela afirma que há boas expectativas para o futuro dessas crianças, apenas serão um pouco mais lentas do que a maioria das outras crianças na aprendizagem e aquisição de novas competências e que com ajuda desde a infância, poderão levar uma vida adulta independente, autônoma e responsável. O atraso cognitivo não é uma doença mental (sofrimento psíquico), como a depressão, esquizofrenia, por exemplo. Não sendo uma doença, também não faz sentido procurar ou esperar uma cura para a deficiência intelectual.

A grande maioria das crianças com deficiência intelectual consegue aprender a fazer muitas coisas úteis para a sua família, escola, sociedade e todas elas aprendem algo para sua utilidade e bem-estar da comunidade em que vivem. Para isso precisam, em regra, de mais tempo e de apoios para lograrem sucesso.

Vale ressaltar que deficiência intelectual é diferente de deficiência mental. A deficiência intelectual como explicado anteriormente, ocorre por atraso no cognitivo, assim como dificuldades no aprendizado e em tarefas do dia a dia e interação.

Enquanto a deficiência mental gera alterações no humor, no comportamento. As alterações ocorrem na mente do indivíduo e é necessário tratamento com psiquiatra com uso medicamentoso (APAE de São Paulo).

A arte de brincar pode ajudar a criança portadora de necessidades educativas especiais a desenvolver-se, a comunicar-se com os que a cercam e consigo mesmo. (MARTINS apud VYGOTSKY, 1998)

Mas quando se fala em desenvolvimento não necessariamente está tratando de aprendizado, Vygotsky (1998), faz relação muito estreita entre desenvolvimento e aprendizado, pois é através do aprendizado que se desperta os processos internos de desenvolvimento. E nesse processo de desenvolvimento e aprendizado que o brincar se torna fundamentalmente importante, pois, a criança envolve-se num mundo ilusório e imaginário, num verdadeiro faz de conta.

O brincar tem função essencial no processo de desenvolvimento da criança, principalmente nos primeiros anos de vida, nos quais ela tem de realizar a grande tarefa de compreender e se inserir em seu grupo, constituir a função simbólica, desenvolver a linguagem, explorar e conhecer o mundo físico. (LIMA, 1991, p.19).

O brincar é uma atividade importante para o desenvolvimento da criança, pois a criança constrói o significado através dos movimentos, sons, objetos, pessoas e principalmente através de si, desenvolvendo autonomia e expressando o que está entendendo sobre o meio que ela vive, assim ela desenvolve capacidades tais como atenção e memória, dessa forma, ressalta-se a qualidade e a responsabilidade de lhes fornecer um ambiente saudável e propício para o desenvolvimento cognitivo, motor, psicológico e biológico.

É interessante notar que quando a criança brinca ela aprende ao mesmo tempo em que se diverte, além de ser um meio facilitador para inclusão da criança especial no âmbito escolar. A brincadeira por sua vez, expressa o que a criança sente no momento, ela reflete suas emoções, manifesta vontades, constrói opiniões, ou seja, o brincar é um excelente recurso pedagógico à aprendizagem.

Muitos psicólogos como Piaget, Maluf, Vigotsky, Kishimoto, defendem o lúdico como brincar não apenas por brincar, mas um brincar direcionado, planejado,

intencionado, no qual o professor possui um objetivo a ser trabalhado e alcançado com este brincar. Através desta revisão feita por eles, muitos professores passaram a entender que o brincar não deve ser usado como passa tempo, mas sim como elemento fundamental no processo de formação da criança, pois é um instrumento educacional e revela o mundo da criança, como afirma Lima (2003, p. 18):

O brincar revela a estrutura do mundo da criança, como se organiza o seu pensamento, as questões que ela se coloca, como vê o mundo à sua volta. Na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva. Desta forma, a maneira como a criança se coloca na brincadeira nos diz muito sobre ela.

Pode-se afirmar então que brincar é a linguagem que as crianças usam para se manifestar, descobrir o mundo e interagir com o outro. No brincar de uma criança, o adulto pode observar atentamente que ela expressa da sua forma o mundo que ela vive e demonstra atitudes presenciadas no seu dia a dia como forma de interação. Assim, a partir da brincadeira, torna-se possível analisar o comportamento da criança. Pois o brincar não deve ser analisado somente para o presente, pois ele espelha atitudes do passado que ajudam a construir o presente.

De acordo com Oliveira apud Vygotsky (1991) a brincadeira é a maneira que a criança encontra para se comportar de forma diferente do seu dia-a-dia, fazendo um elo entre sua realidade e a necessidade que tem em procurar aproximar do mundo dos adultos, começando então a procurar diferentes pessoas pra então dar continuidade ao seu imaginário, e ele ainda acrescenta que a mesma através da brincadeira e o uso de um recurso estreitando assim a relação entre o significado e o objeto.

Para um efetivo desenvolvimento da criança, segundo Lima (2001, p.14) deve-se considerar, “o tempo, o espaço, a comunicação, as práticas culturais, a imaginação e a fantasia, a curiosidade e a experimentação”. O tempo, visto que, cada criança se desenvolve seguindo um ritmo biológico, embora nos primeiros anos de vida essas mudanças ocorram rapidamente, mas uma das condições que o adulto deve ter em relação ao tempo da criança é respeitá-lo, como Lima (2001, p.15), que defende da seguinte forma:

Para que a criança se desenvolva adequadamente, seu tempo precisa ser respeitado. Tanto o tempo biológico de desenvolvimento que segue o amadurecimento do corpo e do cérebro como a duração da atividade, ou seja, o tempo necessário para que a criança possa realizar uma atividade “por inteiro”, considerando inclusive as idas e vindas, como repetir uma, duas, três vezes o mesmo movimento até conseguir o que pretende.

O espaço precisa ser considerado não somente para que a criança se movimente e se exercite, mas também avaliado para um crescimento saudável. Esse espaço pode ser do mais diversos de acordo com sua cultura e condições sociais, quanto mais variados forem os espaços que as crianças tiverem, maiores serão as possibilidades de socialização e de formação humana e sobretudo a inclusão dos PNEE's (Portadores de Necessidades Educativas Especiais) é essencial para sua interação no meio e seu desenvolvimento de modo geral. Sendo assim, Blascovi-Assis (2001), afirma que a integração é necessária e que este processo deve ser observado, uma vez que a não integração entre PNEE's e não portadores pode gerar anseios e frustrações a ambos, principalmente aos PNEE.

O ato de brincar é mais um direito adquirido e que está garantido no ECA, no Art. 16 parágrafo IV - “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990, p. 7). Assim, pode-se compreender que toda criança independente da sua condição física, psíquica ou cognitiva tem o direito de brincar, ou mesmo, de ser simplesmente criança (SILVA, 2003, p. 54)

2.5 JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

De acordo com as concepções de Vygotsky (1998), o jogo e o brinquedo são instrumentos que devem ser explorados na escola como um recurso pedagógico de grande valia, além desenvolver as regras de comportamento, o jogo atua na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a criança consegue muitas vezes, realizações numa situação de jogo, as quais ainda não é capaz de realizar numa situação de aprendizagem formal.

Quando observamos qualquer criança brincando podemos perceber através das suas atitudes a cultura em que ela está inserida, Friedmann (1998) diz que a criança aprende a viver em sociedade, brincando, e que o brincar é um processo educativo completo, pois influencia o intelecto, o emocional e o físico.

O jogo é um instrumento, pois favorece o construir a partir do próprio ser que brinca, ela é estimulada a aprender para alcançar o objetivo do jogo, utilizando regras, experimentando e chegando ao resultado lógico. Kishimoto (1999) aponta que, o jogo proporciona uma experiência positiva, pois tem significado que, possibilita a criança se descobrir e integrar-se ao mundo através de relações e de vivências, sendo assim o jogo não é apenas um momento de exercício, mas possui um significado intenso no desenvolvimento da criança, relacionando e interagindo.

A brincadeira é uma linguagem universal, pois toda criança brinca, independente da idade e do contexto social em que ela está inserida, pode mudar o conteúdo e os objetos da brincadeira, mas a essência sempre existirá.

Com base nos estudos de Vygotsky (1991), observa-se que ele considera o ato da brincadeira essencial ao desenvolvimento da criança. Dessa forma, as crianças se relacionam de várias maneiras com significados e valores, pois, nas brincadeiras elas dão novo significado em relação ao que vivem e sentem. Portanto, sabe-se que a brincadeira faz parte e sentido na vida das crianças, ou seja, as crianças reproduzem várias situações concretas de adultos. Diante disso, o professor deve utilizar as brincadeiras lúdicas como ferramenta em suas aulas para facilitar o aprendizado, principalmente quando se trata de crianças com deficiência intelectual.

Segundo Velasco (1996, p. 78):

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca à vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso.

Deve-se levar em consideração também que a intenção de sua aplicação deve ser meramente cooperativa, no qual, é o processo de interação social cujos objetivos são comuns e suas ações e benefícios são compartilhados para todos. Nesta fase,

não se deve incentivar o jogo ou brincadeira de competição, pois, apenas alguns são beneficiados e isso pode trazer transtornos emocionais, afetivos, sociais à criança.

O jogo cooperativo proporciona uma experiência positiva, pois tem significado que, possibilita a criança se descobrir e integrar-se ao mundo através de relações e de vivências, sendo assim o jogo não é apenas um momento de exercício, mas possui um significado intenso no desenvolvimento da criança, relacionando e interagindo.

O jogo, o brinquedo e a brincadeira precisam ser compreendidos como recurso pedagógico a ser usado não somente nas aulas de educação física, mas na escola em todas as disciplinas. Friedman (1996, p.66) defende o jogo como recurso a desenvolver dimensões, como:

- O desenvolvimento da linguagem: e uma forma de se comunicar e se expressar, um meio, portanto interagir socialmente;
- O desenvolvimento cognitivo: o jogo dá acesso a um maior número de informações;
- O desenvolvimento afetivo: o jogo dá oportunidade da criança expressar seus afetos e emoções;
- O desenvolvimento físico-motor: a interação da criança com ações motoras, visuais, táteis e auditivas sobre os objetos do seu meio e essencial para o desenvolvimento integral;
- O desenvolvimento moral: a construção das regras cria uma relação de respeito com adulto e com outras crianças;

2.6 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O BRINCAR

O papel do professor é sem dúvida peculiar no trabalho com o brincar. Ele pode propor e estimular o senso crítico estabelecendo regras, incentivar o cumprimento de tarefas dentro da brincadeira, tudo sem impor, mas sim deixando a criança tomar as devidas decisões. O professor deve ser o mediador e sempre observar as ações das crianças, seus comportamentos e como tem resolvido seus conflitos, lembrando que a educação especial sempre deve buscar o desenvolvimento da autonomia da criança.

O professor deve possibilitar atividades em que a criança crie laços, interaja e explore todas as formas na brincadeira, ampliando sua experiência e conhecimentos. Da mesma maneira, o professor necessita estar consciente de que a criança está em desenvolvimento, na maioria das vezes será difícil realizar tal tarefa, mas cabe ao professor identificar as capacidades que precisam ser desenvolvidas e auxiliá-lo em tudo que necessário.

Cabe ao adulto ampliar a experiência da criança, abrir caminhos a conhecimentos que não são constituídos espontaneamente no ser humano, incentivar a narrativa em todas as suas formas, a expressão das ideias e dos sentimentos. Para tanto é necessário, principalmente, respeitar a criança, não vê-la como um ser incapaz, mas identificar as suas inúmeras capacidades e oferecer a possibilidade de que elas sejam ampliadas, sedimentadas, desenvolvidas, na dimensão da individualidade e da participação cultural e social. (LIMA, 2001, p.28).

Segundo Lima (2003, p. 29) “é um direito da criança viver sua infância. Para que ela exerça este direito é necessário, antes de qualquer coisa, que o mundo adulto compreenda, em profundidade, o que é ser criança pequena e como a criança se expressa”. Compreensão é uma das palavras chaves desse trecho, mas conhecer seria uma das ações primordiais para essa devida compreensão, ninguém pode compreender sem antes ter um conhecimento, nem que seja prévio sobre o desenvolvimento da criança, cada criança é um ser individual e possui personalidade diferente, sendo portadora de deficiência intelectual, possui dificuldades até mesmo nas atividades básicas do dia a dia, mas nas aulas de educação física com orientação do professor através de um bom planejamento, esta criança poderá amadurecer e ter suas capacidades e habilidades desenvolvidas de forma a obter uma vida independente. Na sala de aula o professor não deve reprimir e nem controlar suas brincadeiras, mas sim orientar.

Marcellino (1999) diz que infelizmente, o cotidiano escolar está preocupado em preparar a criança para o futuro, mas não vê na brincadeira essa alternativa, pois não relevam a ideia que a criança precisa ser respeitada em seu tempo e o professor deve contribuir para essa espontaneidade infantil que parte do brincar.

Friedmann (1996, p.74) aponta que, “durante o jogo espontâneo o professor deve ser um observador”, intervir somente em casos de conflitos, mesmo assim, o

professor observa como é o comportamento individual de cada criança na brincadeira, porém, para que uma criança com deficiência intelectual possa participar de um jogo será necessário adaptação ou intervenção, mas chegará o momento que ele conseguirá participar de um jogo espontâneo onde o professor apenas observará, isso se dá através de muito empenho e trabalho do professor e da família. Segundo a autora o trabalho do professor com o brincar deve:

- Propor regras, em vez de impô-las.
- Dar oportunidade às crianças de participar na elaboração das regras.
- Possibilitar a troca de ideias para chegar a um acordo sobre regras.
- Dar responsabilidade para fazer e cumprir as regras e motivar o desenvolvimento da iniciativa, agilidade e confiança.
- Permitir julgar qual regra deverá ser aplicada a cada situação da brincadeira.
- Fomentar o desenvolvimento da autonomia, em conflitos que envolvem regras.
- Possibilitar ações físicas que motivem as crianças a serem mentalmente ativas. (FRIENDMAN, 1996, p.74)

Reforça-se ainda de que o professor é o que orienta a brincadeira, abrindo caminho para que as crianças desenvolvam o cognitivo, o social, moral, físico-motor, linguagem, reconheça valores e princípios, pois quando o professor foge do seu papel, “a aprendizagem direcionada para a aquisição, para o domínio, para a conquista de um saber estabelecido como meta pelo adulto todo-poderoso fecha as portas do verdadeiro saber para a criança, cujo exercício está no prazer do jogo” (MARCELLINO, 1999, p.26).

A professora Frias (2008) faz ponderações importantes de como o professor deve agir no ensino à crianças com deficiência intelectual. Afirma que é necessário que se estimule o aluno com deficiência intelectual a avançar na sua compreensão, criando-lhe conflitos cognitivos, ou melhor desafiando-o a enfrentá-los. O professor deve privilegiar o desenvolvimento e a superação dos limites intelectuais desses alunos, exatamente como acontece com as demais deficiências.

3. METODOLOGIA

Segundo orientações de Gil (2016) a pesquisa se enquadra na área de conhecimento a Ciências Humanas. Quanto à finalidade, se caracteriza como pesquisa aplicada, pois está voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica.

Ainda com base nas recomendações e orientações de Gil (2016) abordagem da pesquisa foi exploratória segundo seus objetivos, pois possui propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema. A coleta de dados ocorreu através de levantamento bibliográfico e entrevista com pessoas no caso professores de educação física da rede municipal de ensino que possuem experiência prática em aulas de educação física com crianças portadoras de deficiência intelectual. O método empregado é o qualitativo, caracterizando qualificação dos dados coletados durante a análise do problema.

A escola conta com 15 salas de aula, uma sala de supervisão, uma coordenação, uma direção, uma secretaria, uma sala de recursos e quadra poliesportiva.

Para que os procedimentos fossem realizados fora pedido a autorização da direção da escola através de termo de livre consentimento, assim a observação foi realizada em horários de aula.

3.1. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS

Enquanto o professor ministrava suas aulas de educação física, os pesquisadores submeteram-se a observação e análise dos benefícios que o brincar proporciona aos alunos com deficiências intelectuais e também contou com entrevista contendo dez questões fechadas, a fim de medir a importância que o professor e a escola dão a criança com deficiência intelectual. Além do professor de educação física da Escola

no qual fora realizada observação, contou-se também com outros 4 (quatro) professores da rede municipal de ensino que atuam com deficientes intelectuais nas aulas de educação física.

Ao chegar na escola Dr. Arnóbio Alves de Holanda os pesquisadores se apresentaram à direção no qual explicou o objetivo da observação das aulas de educação física, assim, ela os acompanhou até as professoras de educação física que os receberam muito bem e responderam todas as perguntas necessárias para pesquisa. Os pesquisadores acompanharam as turmas de 1º e 2º ano durante uma semana e dedicou a pesquisa a elas.

- 1º ano B contendo um menino autista
- 2º ano A contendo uma menina com síndrome de Down
- 2º ano B contendo um menino autista
- 2º ano C contendo um menino autista

Nessas turmas foram aplicados planos de aulas que constam no apêndice 2.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O público alvo foram crianças portadoras de deficiência intelectual ou atraso cognitivo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Arnóbio Alves de Holanda, situada no bairro Cohab no município de São Mateus/ES. A escola possui 23 (vinte e três) alunos com variadas deficiências, sendo 19 (dezenove) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino, entretanto apenas 7 (sete) possuem laudo atestando a deficiência, os demais fazem acompanhamento especializado na sala de recursos pelo atraso na aprendizagem, porém até o momento a escola não conseguiu que fosse emitido laudo para essas crianças. Contudo, dos 7 (sete) alunos que possuem laudo, apenas 4 (quatro) possuem deficiência intelectual, sendo assim, apenas essas crianças foram observadas durante as aulas de educação física.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Além da observação das aulas fora aplicado entrevista contendo dez questões fechadas para as duas professoras que atuam na Escola Dr. Arnóbio Alves de Holanda e outros três professores que atuam na rede municipal de ensino com crianças com deficiência intelectual.

As respostas foram respondidas entre Nenhum, Pouco, Bom, Ótimo e Excelente.

Perguntas fechadas	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
1 - Qual importância você como professor de educação física dá ao BRINCAR em suas aulas?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
2 - Você acredita que o brincar é importante para a aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
3 - O brincar está presente em sua prática pedagógica?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
4 – Essa é uma preocupação que tem em todas as atividades que a criança faz em aula?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
5 - Você utiliza estratégias lúdicas para desenvolver atividades com crianças que apresentam deficiência intelectual?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
6 – E você nota diferença nos resultados quando isso ocorre?	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
7 – você possui formação especializada para atender	Bom	Bom	Ótimo	Ótimo	Ótimo

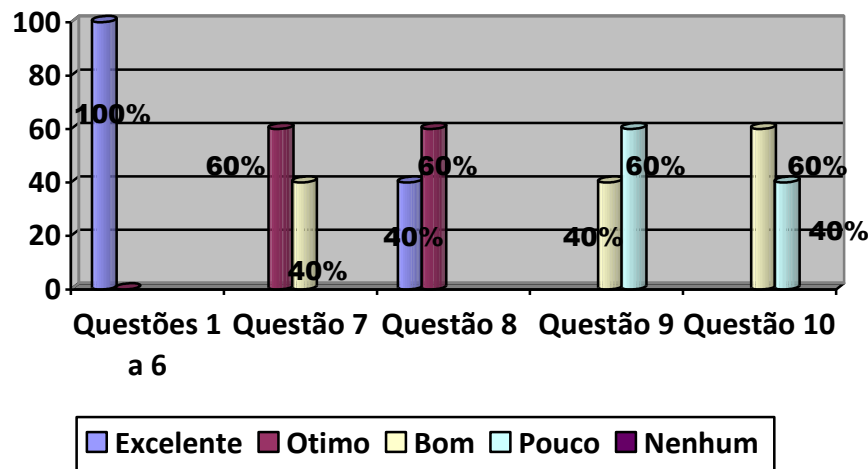
crianças com deficiência intelectual?					
8 – Você realiza planejamento diferenciado para o aluno com deficiência intelectual?	Ótimo	Excelente	Excelente	Ótimo	Ótimo
9 – A escola possui recursos e estrutura para atender crianças com deficiência intelectual?	Pouco	Bom	Bom	Pouco	Pouco
10- Você recebe ajuda pedagógica por parte da supervisão para trabalhar com as crianças deficientes intelectuais?	Pouco	Bom	Bom	Bom	Pouco

4.1 DESCRIÇÕES DOS RESULTADOS

A partir da observação das aulas e da entrevista, ficou evidente e comprovado que o brincar possui sim importância no desenvolvimento da criança com deficiência intelectual. Assim, Vygotsky (1998) descreve:

É enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança. No brincar, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. O brincar é um fator muito importante nas transformações internas do desenvolvimento da criança

Entrevista com professores de educação física



De acordo com o gráfico acima, os resultados foram satisfatórios quando se fala da necessidade e importância que o brincar tem na prática pedagógica do professor de educação física, assim como pode ser observado, as perguntas de 1 a 6 foram todas respondidas excelente, totalizando 100% dos entrevistados.

Os resultados das questões 1 a 6 trouxe afirmação do que o referencial teórico vinha ressaltando que o brincar precisa ser uma preocupação do educador, pois ele é o principal meio de comunicação e interação da criança desde o nascimento e certamente levará para o resto da sua vida. Além disso, todos entrevistados responderam que o brincar é tão importante para aprendizagem que não deve ser usado apenas nas aulas de educação física, mas em todas disciplinas para melhorar as habilidades e potenciais.

Na questão 7, 40% dos entrevistados responderam que possuem Boa formação para atender crianças com deficiência intelectual, enquanto 60% responderam que possuem ótima formação. Na conversa com ambos professores, foi interrogado porque a resposta “BOM ou ÓTIMO”, eles responderam porque possuem apenas graduação em educação física e na graduação tiveram disciplina de educação especial e inclusiva e alguns deles também fizeram cursos de capacitação em educação física inclusiva, porém, não possuem formação especializada na área.

Enquanto que na questão 8, 40% responderam Excelente e 60% responderam Ótimo. De acordo com os professores eles realizam adaptação dentro da atividade aplicada, tenta realizar a inclusão da criança, mas não constrói um plano de aula específico ao aluno com deficiência intelectual. Porém, procura ao construir seu plano de aula elaborar atividades que seja possível a adaptação e ao mesmo tempo que seja interessante aos outros alunos.

Embora construam planos de aula que sejam inclusivos, existe uma grande dificuldade enfrentada pelos professores e equipe pedagógica que é a falta de recursos e espaço adequado para atender as crianças com deficiências. A cerca desta dificuldade, na questão 9, responderam 40% Pouco e 60% Bom, ou seja, as escolas precisam serem mais preparadas para oferecer ensino de qualidade e ambiente agradável.

Contudo, pode-se perceber que os professores entrevistados não estão totalmente satisfeitos com o que estão oferecendo às crianças deficientes intelectuais, principalmente quando se fala em apoio pedagógico. Houve uma grande reclamação em relação ao suporte pedagógico. Assim, na questão 10, responderam 40% Pouco e 60% Bom, pois não possuem acompanhamento necessário ou suficiente para elaborar e aplicar atividades que favoreçam o desenvolvimento e aprendizagem da criança com deficiência intelectual. Ou seja, o professor na maioria das vezes sozinho precisa buscar conhecimentos para construir planos de aula eficazes.

Por fim, concluíram em conversa que apesar das dificuldades enfrentadas na escola através da falta de recursos ou acompanhamento, têm buscado capacitação, ido atrás de novos conhecimentos para desenvolver atividades que venham gerar transformação, mudanças, aprendizagem, habilidades. Contudo, segue fala de um dos professores entrevistados. “Não é fácil trabalhar com crianças com deficiências intelectuais, existe dificuldade na interpretação, é necessário demonstrar a atividade mais vezes do que para outras crianças, a aula exige muito mais do professor, mas a recompensa satisfaz qualquer trabalho, qualquer desgaste. É prazeroso ter seu trabalho reconhecido e principalmente testificar o desenvolvimento da criança que antes não sabia interagir, não conseguia interpretar uma brincadeira por mais simples que fosse, tudo isso, vale muito a pena” (professor 3).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho observou-se a importância da atividade lúdica para deficientes intelectuais, utilizando o *Brincar* como ferramenta de ensino. É inegável a contribuição que o brincar oferece ao aprendizado das crianças observadas durante as aulas de educação física na Escola Municipal Arnóbio Alves de Holanda, no qual percebeu-se a valorização da brincadeira para esse público que tanto necessita de cuidado, carinho e atenção.

Embora ainda tenha um longo caminho a percorrer, os resultados obtidos na entrevista e acompanhamento dos planos de aula aplicados nas aulas de educação física foram satisfatórios. Pode ser observado que ainda com dificuldades na estrutura física e muitas vezes pedagógica da escola, há professores da educação física que decidiram romper barreiras e paradigmas para oferecer ao seu aluno uma aula de qualidade e que vai gerar a curto ou longo prazo desenvolvimento e amadurecimento.

Contudo, poder dialogar com professores sobre o assunto foi fundamental para conclusão da pesquisa, todos sem exceção afirmaram que utilizam o brincar direcionado como ferramenta essencial no processo ensino aprendizagem, pois através dele é possível traçar um significado do comportamento da criança. Também afirmaram que as brincadeiras podem ser as mais simples, conhecidas e fáceis, o que faz a diferença não é a atividade que será aplicada e sim como será aplicada. As vezes professores elaboram aquele plano de aula e quando aplicam se frustram por não alcançar o objetivo proposto e muitas vezes não consegue identificar onde está o erro, e então, deixam de fazer a inclusão da criança deficiente. Porém, toda criança tem o direito à inclusão e é dever do professor e da escola oferecer ensino de qualidade.

Essa questão tem sido estudada ao longo dos anos e acompanha a história da educação especial no Brasil e conseqüentemente em São Mateus-ES. Dessa forma o brincar não pode ser mais visto como sem valor e sem relevância, pois provou-se

que ele tem papel fundamental no desenvolvimento de crianças com deficiências. Além disso, o ambiente escolar é um lugar favorável para que a criança desenvolva suas habilidades, uma vez que o professor direcione esse brincar e observe a fase do aluno, respeitando seu tempo e oferecendo espaços propícios para estimular suas capacidades físicas, motoras, cognitivas, morais e afetivas.

É de extrema importância ao processo de inclusão escolar observar e avaliar os procedimentos metodológicos, bem como levantar alguns direcionamentos sobre o que fazer para produzir mudanças com vistas a assegurar as melhores condições possíveis de inserção no processo educativo formal.

É imprescindível que os professores reconheçam o lúdico e o utilizem como ferramenta em suas propostas pedagógicas, que suas aulas sejam planejadas e trabalhadas com propósitos, sendo diagnosticadas, registradas e fundamentadas, repensando sua prática e a considerando elementar para a missão de ensinar, assumindo então um compromisso com o saber dessa criança e conhecendo as necessidades da criança portadora de um atendimento especializado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina da Silveira Rodrigues. **Deficiência Intelectual ou atraso cognitivo?** Disponível no site:
<http://psicopedagogavaleria.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=43:deficiencia-intelectual-ou-atraso-cognitivo&catid=1:artigos&Itemid=11>.
Acesso em: 09 Nov. 2016.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: Técnicas e jogos pedagógicos.** Loiola, São Paulo, 2003
- APAE, Associação de Pais e Amigos de São Paulo. **Sobre deficiência intelectual: o que é?** Disponível no site:
<<http://www.apaesp.org.br/SobreADeficienciaIntelectual/Paginas/O-que-e.asp>>.
Acesso em: 11 nov. 2016.
- BLASCOVI-ASSIS, Silvana. **Lazer e Deficiência mental.** 2ª ed. Campinas, SP: apirus, 2001.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990
- Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica PARECER N.º: 17/2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica
<<http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/78/pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- FRIAS, Elizabel Maria Alberton. **INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: Contribuições ao Professor do Ensino Regular.** Disponível no site:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/14626.pdf?PHPSESSID=2010012008183564>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: Crescer e Aprender – O Resgate do Jogo Infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.
- FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** 4ª ed. Edições Sociais. São Paulo, Abrinq.: 1998.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. Ed. São Paulo; Atlas, 2016.
- KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** SÃO PAULO: Cortez, 1999.

KISHIMOTO, Mochida Tizuko. **O Jogo e a Educação Infantil**. SÃO PAULO: Pioneira Thomson Learning, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (org). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

LIMA, Elvira Souza. **A Criança Pequena e suas Linguagens**. São Paulo: Sobradinho 107, 2003.

LIMA, Elvira Souza. **Como a Criança Pequena se Desenvolve**. São Paulo: Sobradinho 107, 2001.

LIMA, Elvira C. A. S., et al., **O Jogo e a Construção do Conhecimento na Pré-Escola**. São Paulo: FDE, 1991.

LOCATELLI, Adriana Cristine Dias; VAGULA, Edilaine. **Fundamentos da Educação Especial: pedagogia**. São Mateus: Pearson Education do Brasil, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lúdico Educação e Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 1999.

MARTINS, Viviane da Silva Braga. **A INFÂNCIA E SEU MUNDO: a importância do lúdico para o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down**.

MEIRELLES, Renata (2015). **É necessário acabar com essa ideia que a infância se perdeu**. Disponível no site: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/necessario-acabar-essa-ideia-infancia-se-perdeu-911740.shtml>>. Acesso em 01 nov. 2016.

Ministério da Educação. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. Disponível no site: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2016.

Presidência da República – Casa Civil. **LEI Nº 7.853, DE 24 DE OUTUBRO DE 1989**. Disponível no site: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm. Exibido em: 09/11/2016.

Presidência da República – Casa Civil. **DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999**. Disponível no site: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm>. Acesso em: 09 nov. 2016.

Presidência da República – Casa Civil. **LEI Nº 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001**. Disponível no site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10172.htm>. Acesso em 09 nov. 2016.

SILVA, C. C. B. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil**. 167 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

VELASCO, Calcida Gonsalves. **Brincar: o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprit, 1996.

VELTRONE, A. A.; MENDES, E. G. **A inclusão escolar sob o olhar dos alunos com deficiência mental**. In: Congresso de Pós-Graduação, 4., 2007, São Carlos. Anais de Eventos da UFSCar, v. 3, p. 1695, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

APÊNDICE A – FOTOS

Figura 1: Fachada da escola



Figura 2: atividade “pega o rabinho”



Figura 3: atividade “pique ajuda”



APÊNDICE B – ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Público Alvo: Professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental que atua com crianças com deficiência intelectual.

1- Qual importância você como professor de educação física dá ao BRINCAR em suas aulas?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

2- Você acredita que o brincar é importante para a aprendizagem dos alunos portadores de deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

3- O brincar está presente na sua prática pedagógica?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

4- Essa é uma preocupação que você tem em todas as atividades que a criança faz em aula?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

5- Você utiliza estratégias lúdicas para desenvolver as atividades com crianças que apresentam deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

6- E você nota diferença nos resultados quando isso ocorre?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

7- Você possui formação especializada para atender crianças com deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

8- Você realizou planejamento diferenciado para o aluno com deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

9- A escola possui recursos e estrutura para atender crianças com deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

10- Você recebe orientação e apoio pedagógico para construção de plano de aula para trabalhar com crianças com deficiência intelectual?

Nenhum pouco bom ótimo excelente

APÊNDICE C – PLANOS DE AULA

Abaixo segue os planos das aulas de educação física observados durante uma semana nas turmas de 1º e 2º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Arnóbio Alves de Holanda.

PLANO DE AULA 1

Tema: Brincadeiras populares

Turmas: 1º ano B

Atividades

- Coelhinho sai da toca
- Chicotinho queimado

Descrição das atividades

Na primeira atividade a professora distribui bambolês no pátio e põe um aluno em cada bambolê, porém deve sobrar um aluno sem bambolê. A partir daí, ao comando da professora quando grita “coelhinho sai da toca” as crianças deverão trocar de toca e aquele que está fora da toca precisa encontrar uma para entrar. Assim continua a atividade sempre sobrando uma criança.

Na segunda atividade, a professora coloca as crianças em círculo sentadas com olho fechados. Uma criança fica fora do círculo com a bola dente de leite em mãos.

Ela dá voltas no círculo enquanto cantam versos e os demais respondem:

Chicotinho queimado

__ Está todo assado

Quem olhar pra trás

__ toma chicotada

Corre noite, corre dia

__ corre atrás da sua tia

Corre noite, corre sol

__ corre atrás da sua avó

Então, ela põe a bola atrás de uma criança e essa a persegue para queimá-la com a bola. A criança perseguida tem que conseguir sentar no lugar da outra antes de ser queimada.

Recursos: bambolês, bola dente de leite

Avaliação: Observação e participação

Intervenção: A professora participou do lado da criança autista para auxiliá-lo como deveria proceder. A partir de um determinado tempo, não foi mais necessário a participação da professora.

PLANO DE AULA 2

Tema: Brincadeiras populares

Turmas: 1º ano B

Atividades

- Pique ajuda
- Galinha, pintinho e raposa

Descrição da atividade

Na primeira atividade a professora centraliza todos os alunos e escolhe um para ser o pegador, enquanto os demais serão fugitivos. Ao sinal do apito, as crianças correrão pelo espaço delimitado fugindo do pegador. Quem for tocado por ele se tornará também pegador. Encerra a brincadeira quando todos forem pegos.

Na segunda atividade, a professora com um giz faz um quadrado grande no chão de um lado da quadra onde ficará a galinha. Próximo a ela ficará uns 3 alunos que serão as raposas e o restante serão os pintinhos que ficarão do outro lado da quadra. A galinha grita e os pintinhos respondem:

Meus pintinhos venham cá

__ Não! Tenha medo da raposa.

A raposa está dormindo

__ Ela pode acordar.

Neste momento a galinha começa a gritar nomes de comidas, exemplo: Vem que tem chocolate! Os pintinhos respondem: Não! E continua até que a galinha grita: Tem milho! Aí todos correm até a galinha e nesse momento as raposas correm em direção aos pintinhos para pegá-los. Aqueles que entrarem no quadrado onde está a galinha serão salvos. A brincadeira retorna do início, porém quem tiver sido pego passa a ser raposa. Assim, retorna do início e continua até que todos tenham sido apanhados.

Recursos: giz, espaço aberto, faixas de TNT

Avaliação: Observação e participação

Intervenção: A professora distribui faixas de TNT para cada criança para os pegadores e raposas e explica para a criança autista que ela precisa fugir de quem está com a faixa de TNT na mão. E quando for pega a professora também dá a faixa na dela e explica que agora ela precisa pegar quem não tem faixa.

PLANO DE AULA 3

Tema: Brincadeiras populares

Turmas: 2º anos A, B, C

Atividades

- Pega o rabinho
- O gato e o rato

Descrição das atividades

Na primeira atividade a professora coloca as crianças em um espaço delimitado, sendo que todas as crianças vão estar com uma fita de TNT preso a cintura exceto o pegador, as crianças irão correr no espaço delimitado pela professora fugindo para que o pegador não venha pegar a fita. Na segunda variação todas as crianças se tornam pegadores, no qual quem conseguir o maior número de fitas será o vencedor.

Na segunda atividade as crianças formam uma roda de mãos dadas e a professora escolhe dois para fazerem o papel de gato e rato, enquanto as outras são as portas que ficam em círculo voltadas para dentro e giram lateralmente. O gato fica do lado de fora da roda e procura portas abertas para adentrar e capturar o rato, caso consiga entrar, as portas devem abrir para o rato sair e fechar em seguida para prender o gato. O gato por sua vez, tem que tentar sair para capturar o rato.

Recursos: faixas de TNT, espaço aberto

Avaliação: Observação e participação

Intervenção: No primeiro momento, a professora deu uma faixa de TNT para ela e explicou a todos a brincadeira. Ao som do apito iniciou-se a brincadeira e a criança com deficiência intelectual ficou no centro se movendo pra lá e pra cá, mas não participou efetivamente da brincadeira. Depois, a professora pegou em sua mão e a conduziu na fuga e posteriormente na captura de rabinhos.

Na segunda brincadeira, a professora a colocou como porta para que ela compreendesse como funciona a brincadeira, depois a deixou brincar como rato e explicou que ela tinha que fugir do gato. A captura foi rápida, porém a atividade foi prazerosa proporcionando muitas risadas.

Tema: Brincadeiras populares

Turmas: 2º ano A, B, C

Atividades

- Queimada

Descrição da atividade

As crianças são divididas em duas equipes e espalham-se pelo campo de jogo a fim de dificultar a ação do adversário, que tentará queimá-las arremessando a bola em seu corpo. Os atingidos pela bola de forma direta (sem receber com as mãos e sem que a bola toque antes o chão ou outro companheiro) serão considerados queimados, assim deverão passar para o outro lado ocupando o “cemitério” onde poderão queimar as crianças da equipe adversária.

Recursos: bola dente de leite, quadra

Avaliação: Observação e participação

Intervenção: Esta atividade possui um grau de dificuldade maior, por isso a professora delegou outra criança para que fosse a protetora da criança com deficiência, assim sua participação tornou-se maior na brincadeira. Elas corriam juntas e sempre alguém dava a bola para ela arremessar contra a equipe adversária.